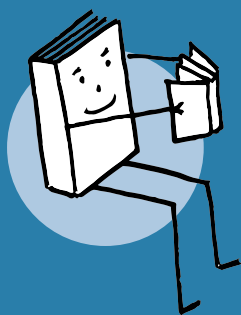
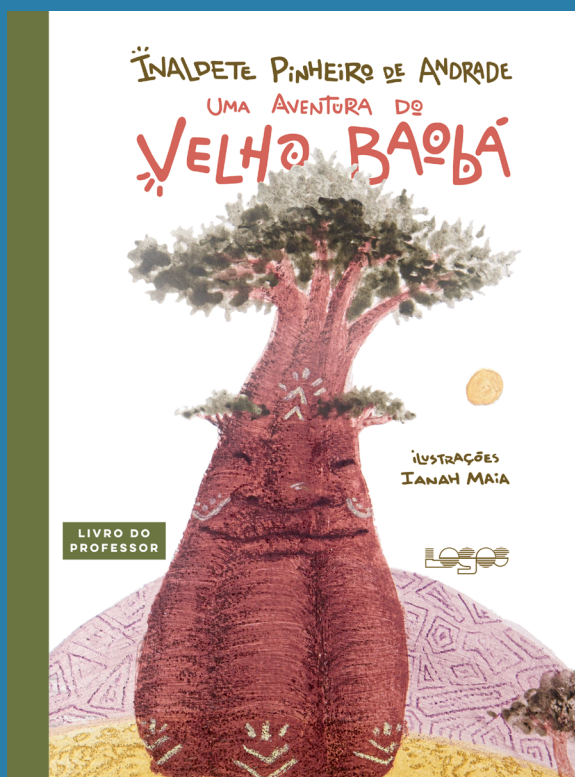


Material digital de apoio à prática do professor



AUTORIA

Dami Cunha
Especialista da Comunidade Educativa
CEDAC

COORDENAÇÃO

Érica Dutra
Coordenadora da Comunidade Educativa
CEDAC



Material digital de apoio à prática do professor

AUTORIA

Dami Cunha

Especialista da Comunidade Educativa CEDAC

COORDENAÇÃO

Érica Dutra

Coordenadora da Comunidade Educativa CEDAC

LIVRO

Uma aventura do Velho Baobá

AUTORA

Inaldete Pinheiro de Andrade

ILUSTRADORA

Ianah Maia

CATEGORIA 1

Obras Literárias do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental

TEMAS

O mundo natural e social

Encontros com a diferença

GÊNERO LITERÁRIO

Conto, crônica, novela



Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luíza Couto

Aminah Haman

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cunha, Dami

Material digital de apoio à prática do professor :
Uma aventura do Velho Baobá / Dami Cunha ; coordenação de Érica Dutra, CEDAC. — 1ª ed. — Vitória : Logos, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-84603-00-4

I. Literatura infantojuvenil – Estudo e ensino 2. Material de apoio ao professor I. Título II. Dutra, Érica III. CEDAC IV. Andrade, Inaldete Pinheiro de. Uma aventura do Velho Baobá

21-5553

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

REPRESENTAÇÕES PAULISTA LTDA.

Rua Nestor Gomes, 265, loja 01 — Centro

29015-150 — Vitória — ES

Telefone: (27) 3204-7474

Sumário

Carta ao professor	5
Estrutura do material digital	6
Contextualização	7
Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental	10
Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa	14
Pré-leitura	16
Leitura	17
Pós-leitura	23
Outras propostas de leitura e abordagem da obra	24
Ampliação da comunidade de leitores	24
Literacia familiar	25
Bibliografia comentada	26
Sugestões de leituras complementares	28

Carta ao professor

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos), que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários são dotados de características que contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, fornecendo múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive, a partir de uma compreensão de si mesmo e do outro. Os bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e podem levar o leitor a ter variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental essa experiência que toca, atravessa e transforma o leitor, e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. Sua matéria-prima é a linguagem, utilizada pelos autores em toda sua potência, elasticidade e facetas. Quantas vezes uma palavra que conhecemos tão bem tem seu sentido transformado em textos literários, construindo novas imagens e ampliando nossa forma de olhar as coisas? O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, conseqüentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em educação, literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em contemplar a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro nos contextos escolar e familiar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para as crianças do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — neste caso, ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DIGITAL

Este material serve como apoio para você trabalhar com o livro *Uma aventura do Velho Baobá*. Desde já, enfatizamos que as propostas aqui apresentadas são apenas sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. O material está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** apresentação de informações importantes sobre a obra, a autora e a ilustradora.
- **Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura deste livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora das crianças, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Política Nacional de Alfabetização (PNA).
- **Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho nos momentos da pré e pós-leitura, e também para a interação verbal durante a leitura dialogada, considerando momentos nos quais se possa, ao conversar sobre o lido, também ampliar o contato com a língua e desenvolver uma construção coletiva da compreensão do que se lê.
- **Outras propostas de leitura e abordagem da obra:** sugestões para ampliar o trabalho de leitura na escola e para explorar a literacia familiar, a fim de que as crianças entrem em contato com outros leitores, o que contribui para se tornarem leitores autônomos.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras usadas para elaborar este material digital, com breves comentários.
- **Sugestões de leituras complementares:** lista de materiais que dialogam com os conteúdos e temas abordados nesta obra e que contribuem para o trabalho do educador.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Para proporcionar boas experiências de leitura literária na escola, é importante que o professor possa, antes de mais nada, adentrar o livro e ter seu olhar desperto para as possibilidades que cada obra oferece para a formação leitora das crianças. O livro que você tem em mãos é uma fonte de oportunidades para a formação do leitor literário e para a ampliação da leitura de mundo, envolvendo aspectos de sua autoria, elementos textuais e da linguagem visual.

Uma aventura do Velho Baobá foi escrito por Inaldete Pinheiro de Andrade e ilustrado por Ianah Maia, duas mulheres negras brasileiras. Apresentar este livro às crianças é uma forma de alimentar as identidades e representações negras com sentidos positivos de protagonismo e de produção cultural, de contribuir para uma educação antirracista e para o empoderamento da figura feminina.

O personagem principal do conto, o Velho Baobá, traz em si muito significado, pois a árvore, originária de terras africanas, é reconhecida como um símbolo de culturas ancestrais de povos desse continente. Na cosmovisão de alguns povos tradicionais da África, o baobá simboliza uma figura de origem, um elemento de conexão entre as forças dos mundos material e sobrenatural, presente nas mitologias. No candomblé, é considerado elemento sagrado, “árvore da vida”, que conecta os territórios da vida e da morte e por isso jamais pode ser cortada ou arrancada.

O baobá é tão importante para as culturas africana e afro-brasileira que se tornou enredo do carnaval do ano de 2022 da Portela, uma das escolas de samba mais tradicionais do Rio de Janeiro. O texto do enredo faz menção à árvore: “Pilar que une o céu e a terra! Elo entre vivos e mortos. Deus vivo e presente, és tu ó Baobá, árvore sagrada testemunha do tempo” (disponível em: https://bit.ly/Portela_Baobá, acesso em: 29 nov. 2021).

O personagem principal desta história, o Velho Baobá, vivencia uma viagem de ida e volta longa e cheia de aventuras — experiência que dá título à obra. Ele realiza a travessia entre dois continentes cruzando o oceano Atlântico, que, como o livro deixa implícito, é a travessia África-Brasil-África. E na terra de seus parentes encontra gerações e gerações de baobás, em situações das mais diversas: uns espremidos, resistindo na cidade grande; outros um pouco mais alegres, no meio do mato. A todos, o Velho Baobá deixa a mensagem de aprofundar as raízes e nunca se esquecer de onde vieram.

Ao escolher esta árvore como personagem central da narrativa, a autora abre possibilidades para que os leitores construam significados e conexões diversas por

meio da linguagem metafórica da obra, como refletir sobre os deslocamentos entre continentes e os processos de diáspora, aproximar-se da grandeza ancestral e mitológica dos baobás, reconhecer as condições socioambientais em que essas árvores vivem. Essas são algumas das **chaves de leitura** que podem ser exploradas, ou seja, são possíveis caminhos para adentrar no texto e para que os leitores façam associações e diálogos com suas representações de mundo. Neste material, ofereceremos algumas sugestões para esse trabalho.

Kiusam de Oliveira, escritora paulista, doutora e professora universitária, autora do texto do posfácio e do trecho reproduzido na quarta capa, compara Inaldete Pinheiro de Andrade a um baobá, por tratar a ancestralidade africana e afro-brasileira em suas obras: “É assim que Inaldete, como um baobá, tem nutrido nossas copas e raízes com a sabedoria de nossos ancestrais, necessária para nossa caminhada saudável nos dias de hoje” (p. 31).

Por proporcionar essa riqueza de contexto, apresentado por meio da narrativa de uma grande viagem que os leitores são convidados a realizar com o personagem e pelas possibilidades que a obra lhes oferece de refletir sobre as relações pessoais, estimulando o respeito e a **valorização das diferenças**, *Uma aventura do Velho Baobá* se configura como um **conto**, pois é uma narrativa curta com poucos personagens em torno de um mesmo conflito, num espaço definido e num período reduzido ao essencial. Além do tema **Encontros com a diferença**, a obra também aborda o tema **Mundo natural e social**, provocando reflexões sobre o meio ambiente e a forma de vida dos baobás que crescem nas grandes cidades.

UM POUCO MAIS SOBRE QUEM ESCREVEU E ILUSTROU O LIVRO

Nascida em 1946 em Parnamirim, no Rio Grande do Norte, a autora **Inaldete Pinheiro de Andrade** mudou-se aos vinte anos para o Recife, onde se formou em enfermagem e fez mestrado em serviço social e administração hospitalar pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Como profissional da área, empreendeu lutas em prol da saúde da população negra, sendo uma das responsáveis pela implementação, em 2001, do Programa Municipal de Anemia Falciforme, da Prefeitura do Recife.

Foi reconhecida no ano de 2011 como Cidadã Recifense, recebendo a Medalha Zumbi dos Palmares por sua contribuição para a história e a memória do povo negro pernambucano. É militante do movimento feminista e uma das fundadoras do Movimento Negro do Recife, que articula e contempla diversas iniciativas voltadas à luta por igualdade, direitos civis e enaltecimento da cultura negra.

Com uma longa trajetória dedicada à pesquisa, Inaldete é responsável por publicações e trabalhos que muito têm contribuído para o resgate da cultura africana na formação do povo brasileiro. Suas produções têm ajudado a constituir um acervo bibliográfico considerável para o ensino de história e das culturas africana e afro-brasileira.

Filiada à União Brasileira de Escritores (UBE), a autora tem em seu currículo a produção de mais de uma dezena de livros, alguns voltados ao público infantil, e realiza ainda um trabalho relevante como crítica literária, analisando a presença de conteúdos de discriminação étnico-racial em obras de literatura infanto-juvenil.

Inaldete participou da publicação *Superando o racismo na escola* com o artigo “Construindo a autoestima da criança negra”. No texto, a autora fala sobre a importância das referências positivas na formação da criança:

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana. [...] Se a pessoa acumula na sua memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial. O contrário é fácil de acontecer, se se alimenta uma memória pouco construtiva para sua humanidade. (MUNANGA, Kabengele, Org. *Superando o racismo na escola*. 2. ed. rev. Brasília: MEC/ Seaf, 2005, p. 120.)

As ilustrações de *Uma aventura do Velho Baobá* são de **Ianah Maia**, artista visual e especialista em agroecologia.

Ianah nasceu no Recife e reside na cidade de Olinda. Seus trabalhos incluem pinturas, fotografias, animações, tatuagem e arte urbana. A artista tem a natureza como grande fonte de inspiração, explorando sua relação com os corpos, a cultura, a ancestralidade e a espiritualidade. Seus traços subvertem padrões de beleza estabelecidos e provocam o observador de suas obras a enxergar nelas novas belezas.

A ilustradora utiliza na maior parte de suas produções a pintura com geotinta — a qual, por ser uma tinta natural, com pigmentos extraídos da terra, consiste num material de baixíssimo impacto ambiental. É por isso que ela adotou essa técnica como forma de desenvolver uma prática artística sustentável. A paleta de

pigmentos naturais também representa uma marca na linguagem visual da ilustradora, que pode ser identificada nas imagens deste livro.

Para conhecer outras obras de Ianah Maia, acesse o site disponível em: <https://www.ianah.net>.
Acesso em: 14 nov. 2021.

POR QUE LER ESTA OBRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A leitura literária é uma ferramenta de empoderamento e de transformação social, recurso fundamental para a vida em uma sociedade democrática. Ela possibilita, ao sujeito que lê, ampliar sua compreensão de mundo, ter mais conhecimento de sua realidade e desfrutar de outras realidades, aprendendo a conviver melhor em um mundo plural.

A perspectiva étnico-racial vem ganhando crescente legitimidade na literatura, sobretudo a partir da promulgação, em 2003, da lei nº 10.639, que torna obrigatório o ensino da história e das culturas africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas. Apresentar às crianças a literatura produzida por escritores e ilustradores negros, desde as séries iniciais da vida escolar, é uma forma de favorecer o desenvolvimento de uma postura de respeito e valorização da alteridade e de construir outros imaginários sobre as pessoas negras na sociedade, atuando contra o racismo e a favor da afirmação das identidades negras.

Uma aventura do Velho Baobá oferece excelentes oportunidades para a **formação do leitor literário** por meio de conversas sobre a narrativa e a linguagem visual, que proporcionam a ampliação dos conhecimentos das crianças sobre culturas e personalidades negras e sobre questões socioambientais que envolvem a vida e a preservação das espécies.

Além disso, com a leitura desta obra é possível estabelecer um contexto potente para explorar a linguagem cartográfica por meio da apresentação de um mapa-múndi e da demarcação desses roteiros.

O contexto é propício também para estimular conversas que possam aproximar as crianças do fenômeno sociocultural e histórico da diáspora africana, uma das principais **chaves de leitura** desta narrativa. Com a história de um baobá gigante que atra-

vessa o imenso oceano para encontrar seus parentes, as autoras mostram como essa travessia é simbólica para a formação social e cultural do povo brasileiro, já que milhares de africanos foram forçados a emigrar de suas terras de origem para outros continentes, o que incluiu a América do Sul — e nosso país —, na condição de escravizados.

A **diáspora africana** é o nome dado a um fenômeno caracterizado pela imigração forçada de africanos, durante o tráfico transatlântico de escravizados. Junto com seres humanos, nestes fluxos forçados, embarcavam nos *tumbeiros* (navios negreiros) modos de vida, culturas, práticas religiosas, línguas e formas de organização política [...]. Compreende-se que a diáspora africana foi um processo que envolveu migração forçada, mas também redefinição identitária, uma vez que estes povos [...] apesar do contexto de escravidão, reinventaram práticas e construíram novas formas de viver [...]. (Disponível em: <https://bit.ly/DiasporaAfr>. Acesso em: 14 nov. 2021.)

Nos contextos de leitura, é fundamental que as crianças sejam incentivadas a expressar suas ideias e opiniões e que, nessa interlocução com o grupo, sejam acolhidas e nutridas pela oportunidade de ouvir e refletir sobre interpretações e ideias de seus pares. Essa **interação verbal** com o livro, com a leitura e com outros leitores, é potencializada pela mediação do professor. Sobre esse importante papel que cumpre o professor, Teresa Colomer, especialista em educação e literatura infantil, afirma que:

[...] se a leitura oferece uma maneira articulada de reconstruir a realidade, de gozar dela esteticamente, de explorar os pontos de vista próprios através da apresentação de outras alternativas ou de reconciliar-se com os conflitos através de uma experiência pessoal e subjetiva, o papel do professor deveria ser, principalmente, o de questionar e enriquecer as respostas, o de esclarecer a representação da realidade, que a obra pretendeu construir, mais do que o de ensinar princípios ou categorias de análise. (*A formação do leitor literário: Narrativa infantil e juvenil atual*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003, p. 133.)

Explorar aspectos do enredo e das linguagens visual e textual, por meio de **interações verbais** com o grupo, favorece o encontro de percepções, sentimentos e ideias e, como consequência, cria condições para que os leitores estabeleçam relações e adentrem em novas camadas de sentidos, construídas no coletivo. Favorece, por conseguinte, aquilo que é um dos objetivos maiores das instituições educativas: formar uma comunidade de pessoas leitoras que refletem, dialogam e se alimentam da herança cultural que os livros nos oferecem.

ESTABELECENDO DIÁLOGOS COM A BNCC E A PNA

A leitura desta obra possibilita a abordagem de competências e habilidades específicas previstas para os anos iniciais do Ensino Fundamental nas áreas de Língua Portuguesa e Ciências Humanas, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No entanto, embora possa se configurar como contexto potente para essas relações, a leitura de um livro literário é uma experiência em si e independe de outros desdobramentos.

Em relação às competências específicas da Língua Portuguesa, podemos destacar:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

(BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/ Consed/ Undime, 2018, p. 87.)

Em relação às competências específicas das Ciências Humanas, destacamos:

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.

3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.

4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das ciências humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

(BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/ Consed/ Undime, 2018, p. 357.)

No contexto da PNA, a obra contribui para o **desenvolvimento de vocabulário**, ao atribuir sentido poético no emprego das palavras e expressões dos personagens, ampliando as referências das crianças, como nestes exemplos:

[...] soube que do outro lado, numa terra próxima à grande curva do mar, muitos baobás também brotavam. (p. 7)
Depois da surpresa e das saudações seculares, Velho Baobá foi informado de onde estavam os outros [...]. (p. 10)

A **compreensão do texto** e a **interação verbal** entre os leitores são também aspectos que podem ser abordados a partir das conversas e dos desdobramentos de propostas sobre o livro.

Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa

Formar leitores na escola requer criar contextos para estabelecer vínculos das crianças com os livros — vínculos que se constroem na relação. Não basta ter os livros ao alcance das mãos, é preciso ter alguma intimidade com eles, partilhar momentos de leitura, usufruir de tempo com as obras, dialogar com elas e sobre elas.

Cabe ao professor escolher os caminhos para explorar o livro a partir do que considera instigante ou essencial para a construção de sentidos e de vínculos. Essas antecipações correspondem às chaves de leitura do texto e as crianças também podem descobrir e propor novas chaves de leitura. Sobre isso, a professora e pesquisadora argentina Cecilia Bajour observa: “As leituras que escapam à chave adotada pelo professor também podem ser interessantes, e é importante valorizá-las: todos nós, leitores, crescemos com as leituras dos outros, e isso também se transmite. Na conversa literária uma chave se enriquece com outras chaves” (*Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012, p. 67.).

Uma das situações mais importantes para a formação inicial de leitores é a **leitura em voz alta** feita pelo professor, acompanhada de **interações verbais** com as crianças antes da leitura, durante e após a leitura.

Uma aventura do Velho Baobá abre caminhos potentes para conversas com as crianças sobre os sentidos da leitura. A narrativa de Inaldete Pinheiro de Andrade guarda conexões e sentidos que não estão necessariamente explícitos no texto, além de linguagens metafóricas que merecem ser iluminadas e discutidas, pois enriquecem a experiência leitora e possibilitam uma aproximação maior dos leitores com o simbolismo da obra, como no seguinte exemplo:

[...] Velho Baobá foi informado de onde estavam os outros conterrâneos, prevenido de que boa vida não fazia parte das suas histórias naquelas redondezas. Até foi avisado para ter cuidado, pois a serra elétrica andava à solta. (p. 10)

Esse trecho possibilita que as crianças dialoguem sobre as realidades socioambientais em que vivem os baobás que protagonizam a história e tragam para a conversa elementos da própria experiência com outras árvores que conhecem. **Em que condições vivem? Por que** o Velho Baobá deve ter cuidado com a serra elétrica?

[...] Que encontro mais festivo! Assistiu à noite ao desabrochar de centenas de flores penduradas de cabeça para baixo, ao vento da madrugada. Baobá Florido fazia questão de balançar os galhos, ligeiro na celebração da visita do parente ilustre. (p. 16)

Nessa passagem, a autora relaciona o desabrochar das flores do baobá e o encontro do personagem com o antigo parente. Essas árvores florescem uma única vez ao ano, por um ou dois dias, entre a primavera e o verão, e de suas flores brancas, que nascem voltadas para o chão, nasce um fruto polpudo conhecido como “pão de macaco”. Pode-se explicar que é raro ver o florescer de um baobá, porque a flor murcha em apenas um ou dois dias. É importante que as crianças tenham conhecimento dessa informação científica, para que possam dimensionar o significado desse acontecimento da narrativa e, a partir disso, estabelecer novas relações com memórias de experiências pessoais com eventos festivos.

Em relação às competências específicas da Língua Portuguesa, espera-se que o trabalho com esta obra crie condições favoráveis para que as crianças possam desenvolver as seguintes habilidades da BNCC, entre outras:

(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

O desenvolvimento de tais habilidades só é possível por meio de uma interação planejada e sistemática com a literatura. Neste material, apresentamos algumas sugestões para ampliar a exploração da obra nos momentos da pré e pós-leitura, além de sugestões de intervenções que podem ser feitas durante a **leitura dialogada**.

PRÉ-LEITURA

Conhecer um pouco sobre o baobá, sua origem e significado, como já foi dito, amplia as condições para que as crianças tenham experiências significativas com a leitura deste livro. Então, antes mesmo de começar a explorar a obra, é possível criar situações para conectar o grupo com o personagem e com a narrativa.

Que tal começar estimulando as crianças a imaginar a magnitude de um baobá? Por exemplo, convide-as a pensar em uma árvore tão imensa que o interior de seu tronco pode servir como reservatório de água para alimentar uma aldeia inteira, tão imensa que o interior de seu tronco pode receber toda a turma para brincar lá dentro, tão imensa que são necessárias mais de cem pessoas adultas de mãos dadas para abraçá-la.

Em seguida, você pode contar às crianças que essa árvore gigante é originária de regiões tropicais áridas e semiáridas do continente africano, como Madagascar e Botsuana, entre outros países — seria interessante apresentar, se possível, imagens reais da árvore. Se houver recursos disponíveis na escola, sugerimos que mostre à turma imagens disponíveis no site Baobá Brasil, criado pelo especialista em cultura afro-brasileira e africana André Lúcio Bento.

Baobá Brasil

O site traz fotografias, reportagens e estudos científicos sobre essa árvore milenar. E nele encontramos informações e imagens sobre espécies que vivem no Brasil.

- Baobá Brasil: <https://www.baobabrasil.com> (acesso em: 14 nov. 2021).

Mas, afinal, qual é o tamanho dessa árvore? Depois de aguçar a imaginação das crianças, é importante criar formas de dar concretude a essas medidas, utilizando meios convencionais e não convencionais de medição, como juntar cem crianças da escola de

mãos dadas em uma roda que se aproxime da circunferência de um baobá adulto, ou usar barbante para medir de 25 a 30 metros, que é a altura a que pode chegar um baobá, e depois observar o que representa essa medida quando o fio está esticado.

Por fim, também é enriquecedor contar às crianças o significado que essa árvore tem para os povos africanos. Você pode narrar a Lenda do Baobá para a turma ou, se preferir, apresentar áudios de contadores de histórias disponíveis na internet.

Sobre o baobá

No programa *Um pé de quê?* há um episódio interessante sobre o baobá.

Fundação Roberto Marinho/Pindorama Filmes.

6min30s. Classificação indicativa: livre.

Disponível em <https://bit.ly/PedeBaoba> (acesso em: 29 nov. 2021).

Neste momento de pré-leitura, é imprescindível assegurar momentos de trocas entre os estudantes e criar expectativa para a leitura do livro, foco deste material. Para isso, ter *Uma aventura do Velho Baobá* em mãos e fazer uma breve apresentação contando que esse será o livro que vão ler na próxima aula são maneiras de envolvê-los com a proposta.

LEITURA

Parte fundamental de uma boa experiência de leitura é o contexto em que ela acontece. É muito importante preparar um ambiente aconchegante e acolhedor, no qual as crianças possam se sentir bem acomodadas, de maneira que tenham boa visibilidade das ilustrações e possam ouvir umas às outras durante a **leitura dialogada**. O tempo dedicado à atividade precisa considerar espaços de pausa para as **interações verbais** entre os participantes, que assim são incentivados a compartilhar sentimentos e trocar impressões sobre a obra a qualquer momento durante o processo de leitura. Todos esses são cuidados determinantes para a qualidade da experiência com a literatura.

A seguir, sugerimos algumas propostas que possibilitam trabalhar essas interações em consonância com habilidades previstas na BNCC para as séries iniciais do Ensino Fundamental. São sugestões que você pode aproveitar ou adaptar, a depender de seus objetivos com a leitura e considerando as necessidades e os conhecimentos das crianças de seu grupo.

A exploração da obra pode se iniciar com a apresentação da capa, da autora e da ilustradora e pela leitura do título, que, por si só, oferece possibilidades de inferências aos leitores. Você pode lançar algumas perguntas para suscitar ideias nas crianças, destacando os termos “aventura” e “velho”, que guardam relação com sentidos implícitos no conto.

- **O que** vocês imaginam que vai acontecer nessa história? **Qual** poderia ser a aventura a que se refere o título?
- O personagem que viverá a aventura é uma árvore, um baobá. **Por que** será que a autora escolheu dar a ele o nome de Velho Baobá? **O que** podemos imaginar a partir disso?
- Um baobá pode chegar a viver centenas de anos. Será que o nosso personagem é um desses baobás centenários?

Além da exploração do título, você pode sugerir que as crianças busquem pistas sobre o conto nas ilustrações da capa e da contracapa.

Na textura do solo, do monte e até do próprio baobá notamos desenhos que se assemelham a padrões étnicos africanos. É importante dizer às crianças que esse recurso usado pela ilustradora é uma forma de aproximar os leitores da origem do personagem, mas que não representa todos os povos africanos, pois há dezenas de povos diferentes, cada qual com sua cultura, vivendo no mesmo continente.

Com este conto, Inaldete e Ianah instigam os leitores a estabelecer outras leituras de mundo, ao fazer conexões não só com esse grandioso ser vivo que é o baobá mas também com as culturas e as histórias dos povos africanos. A obra guarda estreita relação com a militância de suas autoras, por isso é fundamental apresentar às crianças a biografia dessas duas mulheres.

O texto da quarta capa, da escritora Kiusam de Oliveira, amplia ainda mais as possibilidades de conversas sobre a autora, sobretudo com crianças do 3º ano. Depois de conhecerem a biografia de Inaldete Pinheiro de Andrade, que tal ler um trecho desse texto em voz alta e lançar algumas questões para aprofundar a conversa com os estudantes?

Na minha imaginação, perguntei à Inaldete: “Por que inventa histórias?”. E ela, firme como as Candaces sabem ser, respondeu: “Eu invento histórias como contribuição para a nossa resistência, para que estejamos presentes com nossa voz, nosso sentimento, nossas africanidades. É uma forma de resistir às mentiras do racismo. É assim que me coloco no mundo: para resistir.”.

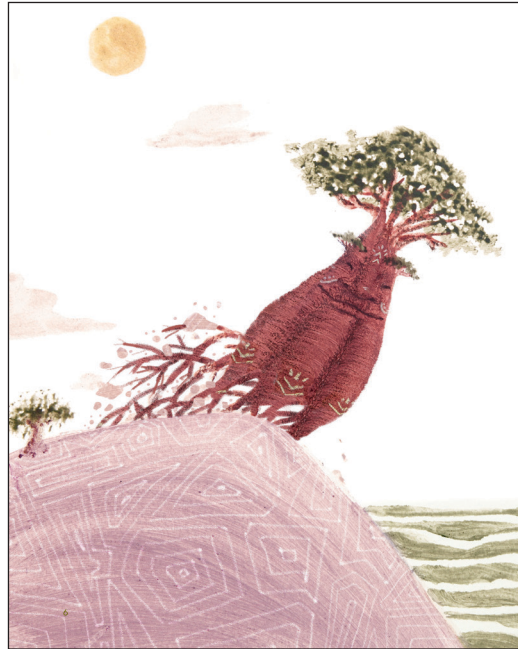
- **Por que** Kiusam imaginou Inaldete respondendo que suas histórias são uma forma de resistência? **O que** isso tem a ver com a história de vida da autora do livro?
- **O que** vocês pensam quando ela fala em “resistir às mentiras do racismo”? Vocês imaginam **que** mentiras poderiam ser essas?
- Quando Kiusam imagina a autora dizendo “nossa resistência, nossa voz, nosso sentimento, nossa africanidade”, **a quem** ela está se referindo? O “nossa” representa todas as pessoas?

Além desses aspectos envolvidos na apresentação da obra e das autoras, outros aspectos do texto e da ilustração podem ser trabalhados ao longo da narrativa. Nas páginas seguintes, apresentamos algumas sugestões de interações. É importante esclarecer, contudo, que não é necessário realizar todas as propostas, tampouco encaminhar todas as conversas no mesmo dia. Há diversas formas de promover essas interações com o livro — ao longo da leitura, fazendo paradas breves na narrativa; no fim da história, retomando partes do conto, em situações de retomada e de releitura do conto. Cabe a cada professor fazer suas escolhas de acordo com sua intencionalidade.

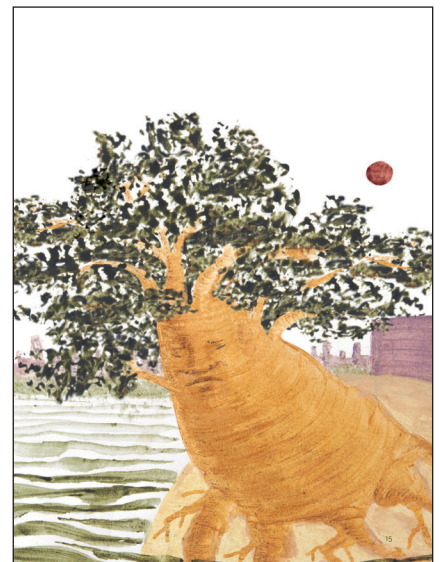
Outro ponto importante a destacar é que não há respostas certas ou erradas para as questões que mobilizam as conversas. Todas elas são oportunidades para que as crianças explicitem sentimentos, ideias e hipóteses sobre o mundo e possam adentrar outras camadas de sentido nas leituras.



Observem a ilustração da planta brotando (p. 5). Depois de virar a página, o baobá se apresenta em toda sua imponência (p. 6).



A partir dessas duas ilustrações, é possível convidar os estudantes a estabelecer relações entre os processos de desenvolvimento e crescimento das plantas e dos seres humanos. Você pode incentivá-los a pensar em quantos anos se passam até que uma pessoa se torne adulta, ou idosa, como o Velho Baobá, e contrastar as respostas com o desenvolvimento desse ser vivo que pode viver mais de mil anos. Essas relações ajudam as crianças a se aproximar do sentido de ancestralidade, pois no tempo de vida de um baobá cabem muitas gerações humanas, gerações de uma comunidade inteira.



Nessas passagens (pp. 11, 13 e 15), encontramos baobás que, diferentemente do nosso protagonista, estabeleceram suas vidas em uma nova terra — em condições, entretanto, nem sempre favoráveis. A expressão desses baobás é um forte indicador do estado de ânimo dos personagens, e os termos “espremido” (p. 10), “emparedado” (p. 12), “trágica realidade” (p. 12), “acorrentado” (p. 13), “transtornado de tristeza” (p. 13) e “desfeiteá-lo” (p. 14) comunicam o estado de precariedade em que eles vivem. É importante convidar as crianças a dizer o que pensam e sentem quando veem essas imagens, e também a retomar trechos da leitura que justifiquem seus posicionamentos.

- **O que** pensam do nome do primeiro conterrâneo com quem o Velho Baobá se encontrou na cidade: Baobá Espremido na Calçada?
- Vocês acham que esses baobás gostam de viver onde estão? Há algum trecho no texto que nos permite ter certeza de **como** se sentem?
- Será que eles escolheram viver nesse lugar? **Por quê?**
- A autora narra um sentimento comum entre os baobás, ao dizer “Cada um contava sobre sua solidão” (p. 19). **O que** faz com que se sintam assim?

Também é possível convidar as crianças a refletirem sobre a diáspora dos baobás africanos como uma metáfora da diáspora negra.

- Sabemos que todos os baobás da história são conterrâneos do Velho Baobá, ou seja, todos têm a mesma origem — africana — do outro lado do oceano. Então **como** vocês imaginam que todos esses baobás foram parar na cidade, e tão longe?
- Vamos observar o deslocamento do Velho Baobá, que se inicia na página 6 do livro. Ele nos dá pistas de **como** os outros baobás chegaram à cidade?

O trecho que narra a viagem de retorno do Velho Baobá dá pistas que dialogam com as duas últimas questões feitas acima: “As mesmas águas que fizeram a travessia das pequenas sementes hoje transformadas em colossais baobás, dispersos por condições desiguais” (p. 25).

Que tal conversar um pouco mais sobre essa diversidade de condições com as crianças? No livro vimos personagens em situação de cerceamento, mas outros em condições favoráveis e que seguem florescendo, apesar de estarem longe de sua terra.

Propostas como essas contribuem para que os estudantes desenvolvam as seguintes habilidades descritas na BNCC, entre outras:

LÍNGUA PORTUGUESA

(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

(EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.

CIÊNCIAS HUMANAS

(EF03HI01) Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc.

(EF03HI03) Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.

(EF03GE03) Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.

PÓS-LEITURA

Além de ser inspiração para boas conversas, a leitura de uma obra literária na escola é capaz de instigar outros caminhos e aprendizagens, que podem se dar também pela exploração de sua linguagem visual. *Uma aventura do Velho Baobá* apresenta um recurso pouco usual no universo das ilustrações: o uso de geotinta, ou tinta natural de terra, como já mencionado no texto de contextualização.

Pode ser interessante voltar ao livro depois de explicar essa técnica às crianças, convidando-as a observar e tentar nomear as cores que identificam nas imagens. Certamente elas vão perceber a semelhança com as cores da terra.

Experimentar usar os recursos ou a técnica de um artista para criar seus próprios desenhos é um caminho potente de ampliação de repertório dos estudantes; por isso, sugerimos como desdobramento do trabalho com este livro uma oficina de desenhos com geotinta.

A atividade vai requerer que a turma procure duas ou mais tonalidades de terra pelos espaços da escola ou no entorno. Além disso, vocês vão precisar de recipientes, água e cola branca:

2 medidas de solo

2 medidas de água

1 medida de cola branca

Coloque o solo em uma vasilha, junte a água e misture bem. Adicione a cola e mexa mais um pouco, até integrar todos os componentes. Pronto, a sua tinta já está feita e pode ser utilizada em pinturas sobre madeira, papel, ferro, parede de alvenaria e tecido. Os cuidados na aplicação são os mesmos com as tintas comerciais. Lixe bem a superfície e retire resíduos que estiverem no local. Aplique a primeira demão de tinta, com pincel ou rolo próprios para pintura, deixe secar e aplique quantas vezes você achar necessárias para alcançar o resultado desejado. Use a criatividade e faça belas pinturas com a tinta de cores da terra feita por você. (Disponível em: <https://bit.ly/CoresTerra>. Acesso em: 24 nov. 2021.)

A Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) tem um vídeo que mostra o preparo dessas tintas e as diversas aplicações. Disponível em: <https://bit.ly/TintaSolo>. Acesso em: 14 nov. 2021.

Outras propostas de leitura e abordagem da obra

AMPLIAÇÃO DA COMUNIDADE DE LEITORES

No posfácio, a escritora paulista Kiusam de Oliveira escreve sobre a obra:

A estrutura do texto é a mesma encontrada nos mitos africanos: seres ancestrais que se situam num tempo-espço em que tudo é possível, dialogando e aprendendo, até mesmo através do silêncio. A heroína ou o herói se lançam em uma jornada a fim de compreender suas próprias essências e uma verdade que os envolva circularmente, em trama delicadamente construída. (p. 29)

Conhecer mitos e lendas dos povos africanos é uma maneira de resguardar a história e a memória coletiva de povos ancestrais que deram formação ao povo brasileiro. Para algumas culturas africanas, até os dias de hoje, a crença nos mitos é tão significativa que exerce papel norteador da forma de viver de determinados povos e regiões.

E, por trazer as marcas da diversidade dos povos e culturas em suas narrativas, a leitura desses mitos tem o potencial de agregar pessoas de diferentes idades, regiões e realidades sociais. Nesse sentido, colabora com a função que as escolas desempenham, junto com outros equipamentos sociais: oferecer às suas comunidades oportunidades e condições para que possam exercer seu direito à leitura.

Que tal então organizar com a comunidade um sarau de mitos africanos, lidos e contados por pessoas da comunidade?

Você pode iniciar uma pesquisa com os familiares de seus alunos, buscando identificar seus conhecimentos sobre esses mitos, e a mesma pesquisa pode ser feita com a equipe de funcionários da escola. Depois desse levantamento, envie convites para que essas pessoas venham compartilhar suas histórias, lidas ou contadas. Aqueles que não tiverem esse repertório ou não quiserem participar lendo ou contando serão convidados a compor o público do sarau, como ouvintes. Procure agendar um horário favorável à participação da maioria da comunidade.

Se houver na biblioteca da escola livros de mitologia africana, você pode disponibilizá-los aos participantes como forma de incentivar o engajamento de um número maior de leitores.

LITERACIA FAMILIAR

Tornar as famílias parte da comunidade de leitores é um investimento importante que a escola pode realizar para atuar na formação não somente das crianças, mas de todos os envolvidos nessa prática.

Pode ser muito enriquecedor para as experiências de leitura em casa escrever às famílias compartilhando um pouco de como a leitura acontece na sala de aula e ressaltando a importância da **literacia familiar**. Esse é um momento precioso de interação entre familiares/ responsáveis e crianças, no qual eles têm a oportunidade de conversar sobre o cotidiano em casa e na escola, sobre suas histórias de vida e as relações que podem estabelecer com as leituras que fazem juntos. Essa orientação pode ser feita numa reunião com as famílias e você pode iniciar a reunião com uma breve leitura de seu apreço. Dessa maneira, as famílias se sentirão mais seguras para atuar, tanto com os livros que oferecem em casa como com os enviados pelos professores.

Você pode propor que a leitura em voz alta de *Uma aventura do Velho Baobá* seja feita por um familiar, para que a criança tenha a chance de vivenciar outra experiência com a obra, e sugerir uma conversa sobre o trecho que marca o momento do retorno do Velho Baobá para sua terra (p. 23). O trecho traz nas linhas e entrelinhas mensagens de esperança e resiliência, e enviar uma ou duas questões para orientar a conversa entre os adultos e as crianças é uma estratégia que pode ajudá-los:

- Ao ler esse trecho do conto, **o que** podemos pensar sobre o significado da visita do Velho Baobá aos seus conterrâneos?
- **O que** vocês acham que a autora quis dizer com a expressão “aprofundando bem suas raízes sem nunca se esquecer das terras de lá”?
- Vocês conhecem alguém que se mudou para viver em um lugar muito distante de sua terra de origem? **Quem** é e **qual** foi sua trajetória

Certamente as crianças vão gostar de compartilhar com os colegas essas experiências em família. Assim, é interessante reservar alguns momentos para esses relatos após o período em que o livro estiver emprestado.

Bibliografia comentada

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

A autora fala da importância da conversa para a formação do leitor e como essa troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. Ela também traz exemplos práticos, refletindo sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/ Consed/ Undime, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 30 out. 2021.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA — Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC/ Sealf, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/cadernoPNA>. Acesso em: 30 out. 2021.

Documento produzido pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Alfabetização (Sealf), que busca elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território brasileiro.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: Narrativa infantil e juvenil atual*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

Uma análise da produção editorial para crianças e jovens, com base em 150 obras publicadas na Espanha para leitores entre cinco e quinze anos. Colomer apresenta as inovações temáticas e as formas de narrativas de diferentes períodos, estabelecendo relações e expondo elementos preciosos à compreensão da produção editorial destinada à infância e juventude.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, pp. 20-8, jan.-abr. 2002. Disponível em: bit.ly/notas_experiencia. Acesso em: 30 out. 2021.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. rev. Brasília: MEC/ Sealf, 2005. Disponível em: **<https://bit.ly/SuperandoRacismoEscola>**. Acesso em: 25 nov. 2021.

Apresenta os trabalhos de professores e especialistas em educação, sugerindo atitudes práticas de reversão da ideologia e dos estereótipos racistas no cotidiano escolar.

Sugestões de leituras complementares

Indicamos aqui alguns textos que podem contribuir com o trabalho do professor, por ampliar os temas e as propostas abordados neste material.

CARRANZA, Marcela. A literatura a serviço dos valores. *Revista Emília*, 15 out. 2012.

Disponível em: https://bit.ly/literatura_valores. Acesso em: 17 out. 2021.

A pesquisadora argentina aborda o lugar da literatura na escola e a relação cuidadosa da qual é necessário tratar, como mediadores, quando pensamos no trabalho com valores.

SILVA JUNIOR, Hédio et al. (Coord.). *Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial*. São Paulo: Ceert/ Instituto Avisa Lá, 2012. Disponível em: [https://](https://bit.ly/PraticasIgualdadeRacial)

bit.ly/PraticasIgualdadeRacial. Acesso em: 25 nov. 2021.

A publicação visa apoiar o trabalho com o tema no dia a dia, por meio de experiências desenvolvidas em unidades educativas.